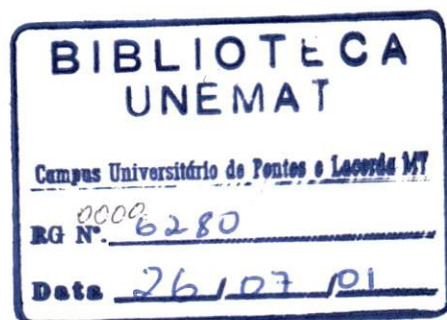


ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE PONTES E LACERDA
DEPARTAMENTO DE LETRAS

IDENTIDADE NACIONAL
UMA HISTÓRIA REGADA A IDEALISMOS E IDEOLOGIAS

Ednilson Hilário dos Santos

5321
Ex 1
C92569487



Pontes e Lacerda – MT, Julho de 2001

IDENTIDADE NACIONAL:

UMA HISTÓRIA REGADA A IDEALISMOS E IDEOLOGIAS

Ednilson Hilário dos Santos

Ensaio Monográfico apresentado para
a Graduação do Curso de Letras,
Licenciatura em Língua Portuguesa,
Língua Inglesa e Literaturas
Orientadora: Nilsa Andréa dos Santos

Pontes e Lacerda – MT, Julho de 2001

*Independentemente da vontade do homem,
a arte nasce da vida e reflete a vida, e a
verdadeira base de comparação artística só
pode consistir na fidelidade e na profundidade
com que representa a vida.*

Nelson Werneck Sodré

Dedico este trabalho a quem sempre me apoiou em todas as minhas realizações, dedico à minha família e à minha noiva Bethânia, as quais foram e são o meu incentivo durante a minha caminhada.

Quero expressar a minha gratidão a quem sou e serei sempre devedor, a quem verdadeiramente é responsável por minhas conquistas e realizações, sem Ele nada poderia fazer. Deus, quem verdadeiramente detém toda a sabedoria e o conhecimento, agradeço porque tu me iluminaste e deste condições para alcançar mais uma vitória.

SUMÁRIO

A Busca por uma identidade.....	07
A Criação e a Conservação do Elemento Nacional.....	09
Identidade Nacional: Uma História Regada a Idealismos e Ideologias.....	14
Enfim, Policarpo Quaresma.....	32
Referências Bibliográficas.....	33

A BUSCA POR UMA IDENTIDADE

Este trabalho é uma procura, uma busca que almeja analisar o processo de formação da “identidade nacional”, bem como as discussões em torno deste tema. Este tema que tem inquietado diversos autores e pensadores brasileiros dos séculos XIX e XX, levando-os a investigar a formação do país desde a época em que era uma colônia portuguesa.

O Brasil que nascia para o mundo, foi invadido por diversas teorias, as quais se tornaram o instrumento utilizado pelos intelectuais para descobrir o caráter do país.

Dentre tais teorias as raciológicas tiveram uma difusão muito grande dentro da nossa sociedade, o que gerou a produção de uma ideologia que perdura até os dias de hoje: a inferioridade do povo brasileiro, (ORTIZ, 1994).

Este trabalho estará discorrendo sobre tais concepções que influenciaram diversos pensadores, bem como sobre as interpretações que foram realizadas pelas teorias que existiam no Brasil até então.

Assim, como os autores estiveram analisando o país desde a sua formação, estarei evidenciando as tentativas realizadas por eles na busca de delinear a identidade nacional, enfocando toda a concepção raciológica sobre o povo brasileiro.

Dentro os momentos mais importantes estarei abordando brevemente sobre os movimentos literários que foram vivenciados no país, a partir do Romantismo, o qual foi um movimento que procurou criar uma identidade para a Literatura Brasileira, constituindo-se como um dos maiores períodos literários brasileiros.

Especialmente neste movimento literário, estarei abordando sobre a presença marcante da figura do índio dentro da nossa Literatura e em contrapartida a inexistência do negro dentro da mesma. Buscando evidenciar as razões sócio-históricas que propiciaram o aparecimento do indianismo, bem como as razões que fizeram com que a figura do negro se tornasse irrelevante.

Após o Romantismo estarei me detendo no Pré-Modernismo, período situado entre o fim da Primeira Guerra Mundial e a Semana de Arte Moderna, realizada em 1922.

Historicamente o país atravessava um período conturbado, cheio de transformações sociais. O Brasil vivia sob o governo militar, o qual era marcado por conflitos civis, gerando assim uma situação de descontentamento social.

O Pré-Modernismo surge manifestando todos os conflitos sociais existentes, despontando como uma literatura mais próxima da realidade social do Brasil. Este período apresenta-se com algumas características marcantes: a crítica, a denúncia (voltada para as questões sociais) e principalmente o repúdio à importação de moldes e modelos estrangeiros, (SODRÉ, 1995).

Dentro deste período estarei analisando a obra *Triste Fim de Policarpo Quaresma* de Lima Barreto, enfocando especialmente o patriotismo da personagem central *Policarpo Quaresma*, bem como a crítica do autor Pré-modernista à ideologia que está ancorado o nacionalismo exagerado e ingênuo do protagonista do romance.

O sentimento de nacionalismo é muito criticado por Lima Barreto na obra *Triste Fim de Policarpo Quaresma*, pois não valorizavam o que era concebido como nacional e nem se preocupavam com as questões sociais. Havia uma constante imitação ou importação de costumes e diversos padrões externos, principalmente europeus. O Pré-Modernismo procurou conservar a identidade nacional lutando contra a transplantação cultural.

O Brasil é um país miscigenado e conseqüentemente apresenta uma formação sociocultural bastante diversificada, portanto a identidade nacional não pode ser concebida a partir de um ponto de vista estático, senão por uma concepção que leve em consideração toda essa multiplicidade de valores culturais, bem como toda a pluralidade sócio-histórica do povo brasileiro. Por isso, este trabalho foi realizado fundamentado na teoria sócio-interacionista.

A CRIAÇÃO E A CONSERVAÇÃO DO ELEMENTO NACIONAL

Tendo em vista toda a vivacidade da Literatura, pretendo analisar um tema que tem sido objeto de intensa discussão e de vários questionamentos até os dias de hoje: a identidade nacional.

Para a realização dessa reflexão estarei alicerçado na teoria sócio-interacionista, a qual “pressupõe que o meio sociocultural é condição necessária para a constituição do psiquismo humano, que não é constituído por fatores de ordem biológica mas, sim, de ordem cultural.”¹ Tal concepção busca entender o homem a partir da ação e do seu convívio dentro do contexto social, no qual está inserido. Pois o homem, através do seu trabalho transforma o meio e é transformado por ele durante este processo, sendo portanto, construído o sujeito psíquico, social e culturalmente a partir da sua interação com o meio.

A construção do sujeito está relacionada ao seu convívio com os outros indivíduos da sociedade, sendo que, através da comunicação esse processo se manifesta muito mais dinâmico e interativo. O mundo simbólico é a essência deste processo de construção, sendo que através dele o sujeito pode interagir com a sociedade modificando e sendo modificado através desta relação interativa. Dessa forma, o ser social vai se construindo gradativamente por este processo no decorrer da história.

Partindo dessa concepção, que o homem vê como fruto de um processo histórico, estarei buscando me posicionar sobre o tema em análise.

Entretanto, antes, discorrerei sobre todo o trajeto percorrido durante a história pelos pensadores, bem como as teorias que floresciam no Brasil e influenciavam as formas de pensamento. Nesta reflexão sobre a identidade nacional estarei retratando as tentativas realizadas pelos intelectuais no constante propósito de definir o perfil do homem brasileiro e delinear as características próprias do país, enquanto expressão cultural.

Renato Ortiz na obra “Cultura Brasileira & Identidade Nacional”(1994) aborda estas questões na obra citada, inclusive estabelece um constante diálogo com vários autores sobre o assunto, enfocando as ideologias que perfazem o pensar dos intelectuais da época. O que certamente me possibilitará conhecer e estudar, de forma mais objetiva, a formação da

¹ Ver PINO, Angel. O conceito de mediação semiótica em Vigotsky e seu papel na explicação do psiquismo humano. In.: Caderno SEDES, 24 pp. 32 – 43. Campinas – SP, Papirus.

literatura brasileira. Com isso, estarei discorrendo sobre as várias influências sofridas dentro do mundo simbólico das produções literárias, bem como sobre o meio sociocultural no qual buscaram definir o caráter nacional e onde também foram produzidas várias obras literárias. Para assim, poder perceber a sua formação no curso da história, na qual foi se construindo.

Após atravessar períodos e momentos que foram relevantes dentro da formação sociocultural do país estarei me detendo no Pré-Modernismo, período literário situado entre o fim do século XIX e início do século XX.

Nesta época o Brasil vivia sob a influência direta dos países europeus, uma vez que a sociedade não valorizava o “nacional”, mas apenas as tendências internacionais, principalmente as francesas, que representavam a primazia da modernidade, não pelo desenvolvimento industrial e capitalista, pois a Inglaterra era até então a maior potência da época, mas sim pela moda (roupas, música, artigos, etc.) e pela postura e pelos costumes, os quais representavam a beleza e a sofisticação.

A obra *Triste Fim de Policarpo Quaresma* de Afonso Henriques de Lima Barreto retrata esta realidade e evidencia o momento histórico repleto de turbulências em consequência dos conflitos que ocorriam. O Pré-Modernismo surgiu logo após o fim da Primeira Guerra Mundial, período em que o Brasil sofria com as altas taxas de inflação. A economia era baseada na produção de café e no leite (economia café com leite). Os governantes apresentavam um constante descontentamento, o que acarretou em uma revolta armada.

O país era governado pelos militares, a chamada ditadura, e consequentemente havia um alto prestígio social todos aqueles que fossem oficiais. Esse fato ou esse reconhecimento social proporcionado pela posição, gera uma corrida indiscriminada por títulos ou postos militares. Assim, a carreira militar passou a ser adquirida apenas por aqueles que tinham melhores condições financeiras, porque podiam estudar para tal ou como ocorria com frequência, comprar o título de oficial. O mesmo fato acontecia com os diplomas, a maioria eram comprados. Havia uma distorção da realidade pelo intento de alcançar um *status* social, não era dado o devido valor ao conhecimento, mas sim à nomenclatura *General, Coronel, Almirante, Doutor, etc.*, (BARRETO, 1998).

O personagem *Policarpo Quaresma*, protagonista desta obra de Lima Barreto, no qual são encontradas várias críticas (inclusive as acima citadas) que caracterizam a obra Pré-modernista e também as obras “Barretinas”. *Policarpo* será analisado nesta narrativa enquanto

representante de um nacionalismo ímpar, a confiança que apresenta na obra, quanto ao futuro do país, é uma oposição à realidade da sociedade brasileira. Assim, como se tentou identificar e/ou construir uma identidade nacional, na obra *Triste Fim de Policarpo Quaresma* há a preocupação de ressaltar os valores que são concebidos como essencialmente nacionais e refutar todo tipo de *imitação ou implantação* de padrões e valores externos. Tal fato é observado na personagem central da narrativa, pois o mesmo se levantava contra toda e qualquer influência externa, (ORTIZ, 1994).

As denúncias sociais tornam-se flagrantes a partir do Pré-Modernismo, o que não era características de outros movimentos literários que o Brasil já havia conhecido, como por exemplo o Romantismo, que foi tão marcante dentro da nossa literatura.

A obra *Triste Fim de Policarpo Quaresma*, uma das obras-primas da literatura brasileira, publicada em 1915, como representante do Pré-Modernismo, pode-se perceber que houve um abandono de alguns padrões que norteavam a criação literária, uma vez que, o movimento literário não dá ênfase a questões e valores estéticos das obras, não há mais uma exacerbação da natureza, nem tão pouco uma idealização do homem e do meio, bem como outras características encontradas em outros períodos.

O Pré-Modernismo mostrou-se mais crítico e denunciativo, apresentando-se como o início de uma ruptura de padrões estabelecidos, o que posteriormente foi culminar no Modernismo em 1922.

Lima Barreto, diferente de alguns autores, criou uma obra descrevendo um momento histórico, em que presenciou, obra direcionada para os leitores, os quais eram *seletos* na época, (SODRÉ, 1995).

Lima Barreto era *mulato em uma família de mulatos, pobre e morava no subúrbio do Rio de Janeiro*², um típico representante do homem brasileiro, que foi considerado, assim como todos os mestiços, inferior por sua constituição biológica³. O escritor quase não recebeu nenhum reconhecimento social, não gozou de prestígio à altura enquanto vivo, tendo em vista importância que o mesmo teve dentro do Pré-Modernismo.

Não se pode dizer que ele não tenha recebido reconhecimento. Importantes manifestações da crítica do tempo situavam-no entre os grandes romancistas do tempo. Mas vieram, tais aplausos, aos pouquinhos

² MORAIS, Regis. *Lima Barreto*(Coleção Encanto Radical). São Paulo: Brasiliense, 1983, p- 12.

³ ORTIZ, Renato. *Cultura Brasileira & Identidade Nacional*, 5 ed. São Paulo: Brasiliense, 1994, p- 39.

*um pouco tarde. Sua vida já estava em declínio e, com já desabafou certo artista, as glórias tardias já vêm frias.*⁴

O autor de *Triste Fim de Policarpo Quaresma* foi um mestiço da periferia um tanto diferente dos outros, pois teve a oportunidade de ter a educação de branco. No entanto, logo fracassou em seus estudos. Entretanto, conheceu diversos escritores importantes como Rousseau, Balzac, Taine, Diderot, Anatole France, mas procurou fugir das influências francesas para criar suas obras.

Lima Barreto escreveu várias obras em sua curta vida, sendo que algumas apresentam traços biográficos do próprio autor. *Triste Fim de Policarpo Quaresma* se identifica com o autor, especialmente a personagem central do romance, pois passou por circunstâncias semelhantes às vivenciadas pelo protagonista. Essa é uma das características do escritor Pré-modernista, narrar os fatos, a realidade com o objetivo de revelar conflitos sociais, nos quais ele faz parte e também sofre as consequências dos mesmos assim como todos os que estão inseridos no seu contexto histórico.

O personagem *Policarpo Quaresma* e o seu autor possuem ainda outras características que os identificam. *Policarpo* dedicou sua vida ao país, sentimento e virilidade, tudo entregue à sua terra, Lima Barreto, por sua vez, dedicou a sua vitalidade e ternura às letras.

A literatura, encarada como vida na qual a pessoa se realiza, parece então substituto de sentimentos ou carências(...).
(CANDIDO, 1995, p-40)

Ambos não se casaram e também enfrentaram a loucura e o hospício, contudo Lima Barreto esteve neste por duas vezes.

Situado em um contexto histórico marcado por indefinições, este escritor insere-se dentro da nossa literatura de forma autêntica e desmistificada, sendo que a partir da sua obra-prima revela toda a preocupação existente em torno do que seria realmente “nacional”, em uma tentativa de conservar a identidade concebida como “nacional”, o que levou diversos autores a repudiar todo o tipo de influência estrangeira em vários setores do país e principalmente na literatura. *Triste Fim de Policarpo Quaresma* denuncia a “imitação” presente na sociedade e a valorização exagerada dos moldes europeus, principalmente os franceses.

⁴ MORAIS, 1983_op. cit. p-10.

Por isso, baseado nos autores Angel Pino, Renato Ortiz, Antonio Candido, Nelson Werneck Sodré, Benjamim Abdala Júnior, Regis Moraes, estabecerei algumas considerações que são inerentes à formação da literatura brasileira no decorrer do desenvolvimento sócio-histórico do país, partindo do posicionamento filosófico de que o indivíduo e o meio se modificam e se constróem.

IDENTIDADE NACIONAL: UMA HISTÓRIA REGADA A IDEALISMOS E IDEOLOGIAS

No ímpeto de buscar conhecer um pouco mais sobre o desenvolvimento cultural e a formação e/ou aquisição da identidade nacional percebi que é necessário atentar para a história do Brasil desde a sua formação enquanto nação. Levantar ainda, as teorias vigentes no período referentes formação sócio-histórico-cultural do povo brasileiro, bem como analisar as ideologias que permeavam tal contexto histórico.

Desde o princípio os intelectuais brasileiros, movidos pelo sentimento de independência política e por outras manifestações sociais e culturais que ocorriam no mundo, almejaram evidenciar elementos culturais ou características do povo brasileiro e do país que realmente fossem nacionais, com objetivo de descobrir a identidade nacional. Entretanto, para que isto fosse possível, era necessário ir às origens do próprio povo brasileiro, ou seja, conhecer na verdade qual era o perfil do homem brasileiro, bem como as raízes genealógicas que o constituiu.

A Europa vivia e era o centro das manifestações culturais mundiais, exercendo grande influência sobre os países que estavam sendo formados. Isso se devia não apenas por este fato, mas também porque as nações européias eram as grandes potências econômicas e apresentavam-se como os países desenvolvidos. Pertencentes ao Velho Mundo, tais países enriqueceram-se também através das Grandes Navegações, o que os levaram a descobrir ilhas desconhecidas e até novos continentes, o que naturalmente propiciou muitas riquezas aos europeus, tanto minerais e vegetais quanto na aquisição de mão-de-obra para a manutenção da economia, que até então era escravocrata.

Os países descobertos se transformavam em colônias e mesmo quando se libertavam politicamente continuavam dependentes dos países que os dominavam em vários setores, inclusive culturalmente. Pois, como se sabe, os países dominantes se impõem sobre as colônias, implantando sua língua, seus costumes, crenças, etc.. Assim, as “antigas colônias” necessitam se reestruturar, fundamentar-se em todos os setores, inclusive no tocante à arte e à literatura, procurando definir a sua “personalidade cultural”.

Para tanto os intelectuais do século XIX, buscaram conhecer a origem e as características do homem brasileiro, baseando-se em teorias raciais que imperavam na época. Isso fazia com que tais estudiosos necessitassem conhecer e analisar as origens do Brasil e as influências sofridas na formação social do país desde a sua colonização.

Durante o período de colonização as influências são inegáveis, uma vez que uma nova sociedade estava se caracterizando e conseqüentemente estavam se adaptando a novos costumes e constituindo uma cultura a partir da interação dos diversos grupos sociais existentes nela até então.

Tal fato é conhecido no decorrer da história da humanidade, um claro exemplo foi a expansão do Império Romano, que conquistava outros povos e implantava a sua cultura. Com isso o latim (idioma romano) foi largamente difundido, no entanto foi paulatinamente sofrendo algumas alterações, o que mais tarde foi redundar em diversas línguas diferentes derivadas do latim, como é o caso da Língua Portuguesa.

Entretanto, quando as colônias conseguiam sua independência, tinham que se adequar a uma nova realidade. Para isso era preciso conhecer de forma mais consistente a constituição sócio-histórica do país. Uma vez que, a cultura é resultante de toda uma multiplicidade de fatores inerentes à sociedade no decorrer de sua história. Pois, na verdade não é possível apagar todo o conhecimento de mundo, toda a “historicidade” do escravo ou do imigrante que aportava no país, os quais adaptavam seus costumes e sua cultura de acordo com as exigências que lhes eram impostas pelo colonizador.⁵

Dessa forma, alguns intelectuais brasileiros, após discutir e analisar a questão sobre o que é nacional, tentaram afirmar que o homem brasileiro é diferente de outros grupos, ou países, indiferentemente se são eles europeus, americanos ou asiáticos. Entretanto se existe uma diferença é fundamental detectar e evidenciá-la de forma mais concreta.

*Dizer que somos diferentes não basta, é necessário mostrar em que nos identificamos ou nos contrapomos, se caso no Brasil for considerado como distinto socioculturalmente.*⁶

⁵ ORTIZ, 1994_op. cit. p. 132.

⁶ ORTIZ, 1994_op. cit. p. 7-8.

Para tanto os intelectuais do século XIX, buscaram conhecer a origem e as características do homem brasileiro.

Neste período o Brasil estava povoado por diversas concepções filosóficas: as Ciências Sociais, o positivismo de Comte, o darwinismo social, o evolucionismo de Spencer, etc., surgiram novas teorias em todos os setores do pensamento, todas originadas na Europa.

Entretanto, os intelectuais buscaram conhecer nossas origens a partir do estudo das raças existentes dentro do povo, para assim, descobrir o “caráter do homem brasileiro” e deste modo definir a identidade nacional.

Baseados nas teorias raciais, que imperavam na época, atestaram, após o estudo das raças, a superioridade do homem “branco”. O europeu, advindo de um continente concebido como desenvolvido, tipificava o padrão do homem “perfeito”, portador de virtudes como otimismo, força e vontade para o trabalho, aptidões intelectuais inerentes à sua constituição física e psíquica. Características do homem branco, todas relacionadas a cor.

“A superioridade da civilização européia torna-se decorrente das leis naturais que orientariam a história dos povos”. (ORTIZ, 1994, p-15)

Tal “superioridade” é assim atribuída aos fatores biológicos presentes na constituição do indivíduo, desconsiderando-se todas as influências do meio.

De acordo com os estudos realizados, os negros, os índios e os mestiços não apresentam as mesmas características biológicas do branco, sendo a antítese deste. Assim, as outras raças simbolizavam o “atraso” e o subdesenvolvimento, enquanto a raça branca representava o desenvolvimento, aptidão para o trabalho, bem como uma série de virtudes.

As teorias raciológicas dominavam as formas de pensamento da época, o que logicamente repercutia dentro das produções literárias do período, as quais também procuravam delinear o perfil nacional. Dessa forma, percebemos obras literárias que exaltam o homem branco (sempre representado pelo europeu) e atribuem às outras raças características que depreciativas.

Escritores românticos como José de Alencar e Gonçalves Dias apresentavam em suas obras, um Brasil e um homem brasileiro idealizado, belo e com características do europeu.⁷

⁷ ORTIZ, 1994_op. cit. p. 19.

O nordestino só é forte na medida em que se insere num meio inóspito ao florescimento da civilização européia. Suas deficiências provêm certamente desse descompasso em relação ao mundo ocidental, sua força reside na aventura de domesticação da natureza. (ORTIZ, 1994, p-18)

Tais considerações foram realizadas ao se estudar o nordestino, procurando conhecer os defeitos e as diversidades do homem brasileiro(a sub-raça nordestina), os quais estavam relacionados às dificuldades que eram impostas pelas severas condições que o meio os submetia.

Toda essa problemática racial revela algo que até então passava “despercebido”: a ausência do negro na literatura. O negro, trazido de diversos lugares da África para sustentar a economia escravocrata, é figura inexistente dentro das obras produzidas antes da Abolição da Escravidão.

O índio, por sua vez, obteve o seu espaço dentro da Literatura Brasileira, pois segundo Antonio Candido (1996), o Romantismo de Gonçalves Dias e José de Alencar se preocupava mais em fabricar um modelo índio civilizado, despido de suas características reais, do que apreendido em sua concretude.⁸ Assim, o índio aparece nas obras do Romantismo de forma idealizada, constituído das mesmas características do homem branco (europeu), geralmente forte, um líder dentro da tribo, cheio de virtudes; havia a necessidade ideológica de herói brasileiro, o qual foi criado por José de Alencar, o maior representante do indianismo no Brasil.

Por outro lado o negro, que não possuía qualquer reconhecimento social, pois não era visto como cidadão e sim como escravo (um ser inferior), somente começa a aparecer na literatura após a Abolição, mas sob os moldes das teorias racistas. Além disso, não era interessante, ideologicamente na época, exaltar o negro de alguma forma.

O negro não podia ser tomado como assunto, e muito menos como herói, não porque, segundo escreveu um estudioso moderno, refletindo a idéia generalizada de sua classe, fosse submisso, passivo, conformado, em vez de altivo, corajoso, orgulhoso, dado que não podia ser senão assim, submetido que estava ao regime de escravidão – mas porque representava a última camada social, aquela que podia oferecer o trabalho e para isso era até compelida. Numa sociedade escravocrata, honrar o negro, valorizar o negro teria representado uma heresia. Não chegaria a ocorrer aos

⁸ Ver CANDIDO, Antonio. Literatura e Sociedade / Estudos de teoria e história literária. Cia. São Paulo: Nacional, 1996.

*escritores do tempo, oriundos da classe dominante, e nem teria tido o romantismo, posto nesses termos, afinidade alguma com o mundo dos leitores, também recrutado naquela classe.*⁹

Antes da Abolição da Escravidão não havia qualquer tipo de interesse por parte dos autores na inclusão do negro na literatura, o que na época não teria a menor aceitação por parte dos leitores seletos das produções literárias, os quais pertenciam à classe dominante. Os produtores das ideologias que mantiam o sistema escravocrata.

O negro não poderia ser valorizado dentro do contexto social, ele fornecia sua força de trabalho e era colocado pela sociedade da época, no extremo inferior da escala social. Por isso, não é mera coincidência o fato de ter sido José de Alencar, a figura máxima do indianismo, o fundador do romance brasileiro, um escravocrata.¹⁰

Esta concepção acerca do índio e o negro foi estabelecida desde o momento em que o Brasil aparece para o mundo conhecido, onde na época ocorriam grandes transformações que prenunciavam a ascensão da burguesia. Além disso, as relações sociais começavam a entrar em declínio, o que juntamente com outros fatores, possibilitou o surgimento do mito do índio. No entanto, não surgiu tal mito na literatura brasileira, mas sim em outros idiomas e referindo-se a selvagens ou nativos norte-americanos. Escritos que eram, assim como no Brasil, produzidos sob os moldes europeus.¹¹

Tal ideologia relacionada ao índio atendia às necessidades do sistema estabelecido, no qual a literatura contribuía de forma voluntária ou involuntariamente.

Trata-se no fundo, do conceito que se esmerava em ver o índio o homem bom por natureza, bom por origem, dotado de bondade natural (...). Em contraposição, o negro seria ruim, ruim por natureza, dotado de ruindade natural, tema que seduziu a ideologia do colonialismo. (SODRÉ, 1995, p-257)

Veiculada tal ideologia, a qual perdurou por longa data, tendo em vista também todas as relações sócio-históricas relacionadas a esta, torna-se extremamente difícil considerar que o negro seja considerado de forma preconceituosa, uma vez arraigada na consciência social toda essa interpretação.

⁹ SODRÉ, Nelson Werneck, História da Literatura Brasileira. São Paulo: Bertrand Brasil, 1995, p-268.

¹⁰ SODRÉ, 1995_op. cit. p. 267.

¹¹ SODRÉ, 1995_op. cit. p. 263.

Entretanto, após a Abolição desse sistema econômico, surge um novo elemento social, que passa a ser ideologicamente reavaliado pelos intelectuais e produtores de cultura, uma vez que, sempre foi fator extremamente importante dentro da economia do país e passa a assumir um papel um pouco mais dinâmico na vida social. Pois, mesmo tendo sido obrigados pelo sistema colonial a se adaptar aos costumes dos senhores brancos, tendo que adotar uma outra religião e a outros elementos que não fazia parte da vida dos negros dentro do seu contexto natural, eles foram *aculturados*¹², mas no entanto conservaram as raízes da sua cultura.

O Brasil passa a ser visto como um país miscigenado, a problemática da mestiçagem é outra realidade. Tornando-se senso comum que, em sua origem o país é formado a partir da fusão de três raças principais: a branca, a negra e a índia. Logo em seguida, veicula-se a ideologia de um Brasil candinho.

Considerado um povo inferior justamente porque se constitui dessa mistura de raças no decorrer do tempo, o país representa o atraso e o subdesenvolvimento aos olhos de uma ideologia européia, a qual se baseava em teorias raciais que “justificavam” tal inferioridade.

A ideologia do colonialismo, justificatória da exploração econômica, deveria esforçar-se sempre para demonstrar que o negro fora destinado originalmente, fisiologicamente, ao trabalho e apenas ao trabalho, não tendo condições para conquistar conhecimentos e ganhar a representação política: que o mestiço herdava as taras da raça inferior que nele concorria, que era preguiçoso por índole, incapaz por herança, falso por ativismo. (SODRÉ, 1995, p-413)

Essa ideologia conservadora visa a manutenção da situação social, bem como atestar e suplantar a teorias racistas.

Os intelectuais brasileiros, buscando explicar o “atraso” do país, tentaram encontrar as respostas a partir do meio no qual o brasileiro estava inserido, juntamente com as teorias raciais, que haviam influenciado tais pensadores. Assim, abriu-se um pouco mais o leque para conhecer ou interpretar a formação do homem brasileiro e do país. Para realizar esse estudo, além de todo o conhecimento já existente sobre as raças, fazia-se necessário conhecer o Brasil em termos geográficos e climáticos, os quais propiciarão esclarecer os fenômenos econômicos e políticos do país.

¹² Processo de adaptação do indivíduo a uma cultura estranha, assimilando-a através da introdução de certos elementos dessa cultura à sua, conservando-a assim, contudo de forma modificada.

Baseados nessa nova alternativa tentou-se explicar, inclusive a trajetória da indústria e até a coleta de impostos.¹³

Ao considerar “meio e raça” os estudiosos concluíram que o clima, o ambiente do país não era favorável para o homem europeu, o que conseqüentemente repercutia negativamente na constituição de todo o povo, que naturalmente afeta o homem em si, bem como toda a sociedade e o desenvolvimento do país.

A história é, desta forma, apreendida em termos deterministas, clima e raça explicando a natureza indolente do brasileiro, as manifestações túbias e inseguras da elite intelectual, o lirismo quente dos poetas da terra, o nervosismo e a sexualidade desenfreada do mulato.

(ORTIZ, 1994, p-16)

O mestiço era uma categoria social, na qual estava associada diversas concepções fundamentadas nas teorias raciais. A mistura de raças, branca, negra e índia, era considerada por alguns pensadores como positiva, uma vez que acreditavam que a raça branca poderia adicionar algumas virtudes e abrandar os vícios existentes nas “raças inferiores”. Porém era senso comum entre os intelectuais que o mestiço não poderia ser dotado das mesmas potencialidades dos europeus, por sua constituição biológica, pois herdava biologicamente defeitos e taras resultantes de raças desiguais. Entretanto, o viam como um indivíduo adaptado ao ambiente tropical do Brasil.

“A mestiçagem moral e étnica, possibilita a aclimação da civilização européia nos trópicos.”

(ORTIZ, 1994, p-21)

O Brasil, concebido a partir dessa óptica, é interpretado como inferior e condicionado por diversos fatores a uma situação de subdesenvolvimento, estando fadado a esta condição, não ocupando dessa forma uma posição de destaque entre outros países.

Outros pensadores associavam o subdesenvolvimento ou o “atraso” do país e da América Latina como um todo não às condições ambientais, mas sim à colonização. Segundo estes, os colonizadores são como parasitas que se agarram, sugam, sem contudo evoluir, entretanto, transmitem algumas das suas características ao parasitário.

¹³ ORTIZ, 1994_op. cit. p. 12.

Dessa forma, o Brasil teria herdado de seus colonizadores diversas características, além de perder um pouco das suas riquezas, teria herdado o apego às tradições e a falta de espírito observador, o que justifica o seu “atraso”.¹⁴

A mestiçagem que se apresentava como “renovadora”, não era suficientemente capaz para reverter esta situação e alcançar o desenvolvimento.

Toda essa diversidade de interpretações visava conhecer e entender o Brasil, para evidenciar a identidade nacional, permeavam por todo o contexto sócio-histórico e influenciavam escritores, que expressavam tais concepções nas suas produções literárias.

Entretanto, é importante ressaltar que os intelectuais brasileiros que queriam definir o caráter do nacional, se baseavam em teorias “importadas”, advindas especialmente da Europa. Essa contradição, torna-se bastante curiosa, pois os mesmos pensadores acreditavam que um dos grandes problemas enfrentados na época pelo Brasil em sua formação cultural no decorrer da história era a importação cultural ou imitação. Como denunciou Renato Ortiz:

Se levamos em conta o testemunho de diversos críticos do pensamento brasileiro, nos deparamos de imediato com a questão da “imitação”. Parece ter-se transformado em senso comum a tese do Brasil enquanto espaço imitativo.
(ORTIZ, 1994, p-27)

Tal fato foi repudiado por alguns autores, os quais acreditavam que a *imitação* era sinônimo de *falta de espírito de observação*. Por outro lado, encontravam-se estudiosos brasileiros que se dividiam em dois extremos; uns, considerando a situação do país, acreditavam que a única solução era a *cópia pura e simples de modelos externos*, na *imitação* indiscriminada de modelos institucionais, jurídicos e literários; outros repudiavam totalmente essa idéia e defendiam soluções objetivas para o país através da originalidade.¹⁵

Críticas a essa “transplantação cultural” foram feitas mais tarde em larga escala na Semana de Arte Moderna, em 1922.

Os questionamentos foram sendo tecidos gradativamente, uma vez que a identidade nacional, não poderia ser maculada com as influências externas para não descaracterizá-la. Dessa forma, os pensadores procuraram “purificar” o país, buscando eliminar essa idéia de *imitação* do meio das artes e da literatura.

¹⁴ Conforme o pensamento de Manuel Bonfim In: ORTIZ, Renato. *Identidade Nacional e Cultura Nacional*, 3 ed. São Paulo: Cultrix, 1994, p-23.

O Brasil, que viveu em sua história diversas teorias que influenciaram de forma direta em sua constituição, as quais buscavam conhecer a identidade nacional, propiciando diversas interpretações que regeram o pensamento da época e que estão presentes, de forma implícita ou explícita, até hoje na sociedade. Teorias que difundiram suas formas de pensamento sem considerar as múltiplas relações entre os indivíduos no seu contexto social, no meio em que viviam, mediados pelo mundo simbólico. Fatores que são extremamente relevantes na tentativa de definir o que realmente é *nacional*.

Assim, o país conheceu o Romantismo que criou uma identidade para o Brasil a luz das ideologias vigentes. Entretanto, no final do século XIX, enfrentava o seu declínio, pois as mudanças sociais tornaram insustentáveis a forma como este movimento via o país.

Romantismo, como expressão substantiva, é processo ultrapassado; o romantismo como posição diante do homem e de suas relações, sinônimo de idealismo, como expressão adjetiva, existirá, enquanto existirem determinadas condições sociais que o motivam.
(SODRÉ, 1995, p-214)

Assim, encerrou-se o período, uma vez que não havia mais sustentação social, pois o contexto social era diferente.

O país conheceu após o Romantismo outros movimentos como: o realismo-naturalismo, o regionalismo e o decadentismo-simbolismo, os quais foram eclodir em um novo período resultante das diversas mudanças nas formas de pensamento de alguns autores, bem como do contexto sócio-histórico e político da época.

O Pré-Modernismo surgiu no país, tendo como precursor o escritor Graça Aranha e estendeu-se até a realização da Semana de Arte Moderna. Este movimento prenunciava novos rumos para a criação literária da época, com muito mais dinamismo, possuindo um fundo denunciativo. Pois, uma das preocupações dos autores Pré-modernistas era a situação social, política, econômica e cultural do país.

A preocupação dessa época foi bastante variada, mas refletiu a permanência de valores estético-ideológicos do século XIX, que se mesclaram com outros, renovadores, voltados para a situação social do país.
(ABDALA, 1994, p-182)

¹⁵ SODRÉ, 1995_op. cit. p. 471.

Esta é uma tônica dentro do universo dos pensadores (embora não admitida), os novos movimentos ou teorias tem sempre como sustentação o contexto sócio-histórico e também como parâmetro os movimentos e teorias antigas, uma vez que nada foi criado a partir de uma “visão ou uma revelação”.

Afonso Henriques de Lima Barreto é um dos maiores expoentes do Pré-Modernismo no Brasil, o qual estabelece severas críticas sobre “o nacional e o nacionalismo” na obra *Triste Fim de Policarpo Quaresma*, que também explora outros problemas sociais encontrados na época.

Policarpo Quaresma é o personagem central dessa narrativa, no qual está ancorado o nacionalismo dentro da obra. Conhecer mais e mais sobre o Brasil era o seu hábito, para isso tinha todo tipo de livro que lhe trazia informações sobre o país, e assim, procurava mostrar ao povo a grandiosidade e o esplendor do Brasil.

*Em nenhuma outra região se mostra o céu mais sereno, nem madrugada mais bela a aurora; o sol em nenhum outro hemisfério tem os raios mais dourados (...).*¹⁶

Quaresma com sua conduta e com seus hábitos, foi alvo de muitas críticas e comentários irônicos. Por gostar de leitura foi considerado como um louco e perdido, pois os livros em geral eram apenas para os acadêmicos e doutores. Inclusive, esta crítica manifesta uma realidade social, onde o acesso às formas de conhecimento literários não era para todos.

Lima Barreto expressava seu caráter subversivo através das obras que produziu, em *Triste Fim de Policarpo Quaresma* manifestou todo o seu inconformismo diante do cenário político e social da época.¹⁷

O personagem *Policarpo* sem dúvida foi o canal pelo qual o autor exteriorizou todas as suas críticas. Uma delas se trata da implantação ou importação de cultura ou de produtos europeus que eram a moda dentro da sociedade.

O protagonista, que demonstrava um nacionalismo ingênuo, lutava pela grandeza e a emancipação da pátria, julgava inaceitável que o país, de alguma forma necessitasse de algo exterior e repudiava essa idéia com ardor. Acreditava que o país era auto-suficiente. Tal fato se torna evidente, quando é tratada a questão da língua.

¹⁶ BARRETO, Lima. *Triste Fim de Policarpo Quaresma*. 5 ed. São Paulo: Ática, 1998, p- 24.

¹⁷ MORAIS, 1983_op. cit. p. 63.

De acordo com *Quaresma*, o Brasil tinha um idioma próprio e não precisava do português, que era uma língua *emprestada*.¹⁸ Como podemos ver no requerimento feito pelo personagem.

Policarpo Quaresma, cidadão brasileiro, funcionário público, certo de que a língua portuguesa é emprestada ao Brasil; (...) sabendo, além, que, dentro do nosso país, os autores e os escritores, com especialidade os gramáticos, não se entendem no tocante à correção gramatical, vendo-se, diariamente, surgir azedas polêmicas entre os mais profundos estudiosos do nosso idioma – usando do direito que lhe confere a Constituição, vem pedir que o Congresso Nacional decrete o tupi-guarani, como língua oficial e nacional do povo brasileiro. (BARRETO, 1998, p-52)

O desejo de implantar uma língua concebida como “nacional” tem uma fundamentação histórica dentro da sociedade brasileira, inclusive na literatura encontramos autores românticos que defendiam tal idéia. Como pode ser constatado na citação abaixo, que ilustra relato de José de Veríssimo e Nelson Werneck Sodré (1995) :

*José de Alencar, em 1865, também escreveu: “O conhecimento da língua indígena é o melhor critério para a nacionalidade autêntica.” A força de tais sentimentos, muito maior do que hoje podemos supor, uma vez que estavam ancorados na estrutura social e por ela condicionados, foi tão intensa e penetrou tão fundo no espírito nacional que ainda os indianistas não desapareceram de todo(...)*¹⁹

Tal pensamento perdurou até o final do século XIX, portanto estava presente na época da edição da obra *Triste Fim de Policarpo Quaresma*, em 1915.

A preocupação do *major*, dentro do contexto histórico e da obra, tinha a sua razão de ser, pois a língua portuguesa falada no Brasil sofria severas censuras e restrições por parte de Portugal, *o dono da língua*. Pois, devido a múltiplos fatores sociais a língua falada no Brasil sofria mudanças desde o período “Brasil-colônia”

O português do Brasil, ligando as casas-grandes às senzalas, os escravos aos senhores, as mucamas aos sinhô-moços, enriqueceu-se de uma variedade de antagonismos que falta ao português da Europa.
(SODRÉ, 1998, p-241)

¹⁸ BARRETO, 1998_op. cit. p.52.

¹⁹ Fragmento extraído de VERÍSSIMO, José de. *História da Literatura Brasileira*. 9 ed. Rio de Janeiro: 1954, p-13. IN.: SODRÉ, 1995_op. cit. p. 275.

Para o personagem o idioma indígena tupi-guarani era a língua nacional, uma vez que o índio era concebido por ele como nacional, nativo e primeiro proprietário da terra, portanto a sua língua deveria ser a falada oficialmente no país. O que fez com que *Policarpo* fosse motivo de risos para os seus companheiros de repartição.

Necessariamente Lima Barreto não estava retornando à ideologia de valorização ao indianismo, mas tecendo, através do personagem caricatural *Policarpo*, críticas à sociedade que não valorizava o elemento nacional e mesmo assim apresentava-se como patriota.

Policarpo, motivado pelo seu sentimento de nacionalismo, procurou resgatar os costumes que eram reconhecidos como nacionais. Manifestações populares que faziam parte da tradição do povo brasileiro, as festas, as danças, músicas, etc.. O que podemos ver nos fragmentos abaixo.

*Os dois saíram tristes. Quaresma vinha desanimado. Como é que o povo não guardava as tradições de trinta anos passados? Com que rapidez morriam assim na sua lembrança os seus folgares e as suas canções?*²⁰

A preocupação com a preservação das tradições e do folclore nacional não era apenas de *Policarpo*, mas também dos governantes brasileiros que procuravam conservar a memória cultural do país. As produções artísticas, as canções tradicionais, enfim, tudo aquilo que havia sido produzido pelo povo, ou seja, a cultura popular passou a ser vista como o elemento nacional.

O Pré-Modernismo, no entanto, não surgiu como restaurador das tradições, nem tão pouco do sistema escravocrata, ao contrário, aparece com uma nova visão da sociedade, fugindo das tendências anteriores. Portanto, o que Lima Barreto faz ao criar no personagem esse saudosismo pelas tradições, é evidenciar que os brasileiros estavam alheios ao que era nacional e davam valor apenas aos moldes e modelos europeus.

Quaresma fez com a cabeça sinal afirmativo e a velha preta, talvez com grandes saudades do tempo em que era escrava e ama de alguma grande casa, farta e rica, ergueu a cabeça, como para melhor recordar-se e entoou:

*É vêm tutu
Por detrás do murundu
Prá cumê sinhozinho*

²⁰ BARRETO, 1998_op. cit. p. 34.

A proposta desse período literário não está vinculada a concepções preconceituosas, *Triste Fim de Policarpo Quaresma*, obra do *mulato genial*,²² denuncia o preconceito, uma vez que o próprio autor foi vítima de discriminação social, dessa forma tal saudosismo reflete uma crítica aos problemas sociais existentes.

Tal fato evidencia uma das características das obras de Lima Barreto, que por possuir o objetivo de representar de forma direta a realidade, a trata como se fosse um documento e não um ficção. Além disso, escreve sobre fatos aos quais presenciou, acontecidos na época do autor.

*O romance enfoca os problemas de sempre com uma intenção nova e especial: conhecer e apoderar-se do comportamento psicológico humano, e narrar isso, exatamente isso, em vez das consequências fatuais de tal comportamento.*²³

Triste Fim de Policarpo Quaresma é uma obra moderna, que procura não apenas representar a realidade da sociedade mas estabelecer críticas aos “vícios sociais” existentes nela. Principalmente ao patriotismo exagerado da época do militarismo.

Impulsionado pelo seu patriotismo enviou um requerimento à Câmara, o que resultou em um desastre na sua vida. *Policarpo* era um sonhador incompreendido por todos, esse fato trouxe-lhe uma publicidade jamais imaginada, era considerado louco, motivo de riso para todas as pessoas. Após estas críticas foi internado em um hospício.

Triste Fim de Policarpo Quaresma é uma obra escrita diretamente para os leitores, buscando manifestar a estes os problemas que os envolvem e também à sociedade. Lima Barreto tece críticas ao preconceito, à burocracia existente no país, às diferenças sociais (burgueses X suburbanos), às questões referentes à família, etc..

O autor deixa nítido na sua obra a clara divisão de classes, a classe alta é a de boa reputação enquanto a classe baixa (suburbana) é a miserável.

²¹ Idem.

²² Forma como Moraes referia-se à Lima Barreto, 1983, p-51.

²³ Considerações de Júlio Cortazar acerca do romance moderno, o qual procura narrar os fatos de forma objetiva, explicitando-os sem contudo interferir na representação da realidade.

Porque o orgulho da aristocracia suburbana está em ter todo dia jantar e almoço, muito feijão, muita carne-seca- aí, julga ela, é que está a pedra de toque da nobreza, da alta linha, da distinção.

Fora dos subúrbios, na Rua do Ouvidor, nos teatros, nas grandes festas centrais, essa gente mingua, apaga-se, desaparece, chegando até as suas mulheres e filhas a perder a beleza com que deslumbram, quase diariamente, os lindos cavalheiros dos intermináveis bailes diários daquelas redondezas.²⁴

Assim, o autor não só critica a burguesia, como também a má distribuição de renda existente no Brasil.

Lima Barreto faz diversas críticas que estão intimamente relacionada aos problemas vivenciados pelo autor. Barreto nasceu no subúrbio do Rio de Janeiro, em família de mulatos, pobres, no entanto teve acesso a uma educação de rico, custeada pelo seu pai, que era funcionário publico. Tal vivência influenciou as suas obras, pois um traço marcante da obra desse autor era descrever o subúrbio, os pobres, o contexto das obras e a temática sempre referiam-se a tais questões sociais.²⁵

Este escritor Pré-modernista visava em sua obra, de certa forma algo semelhante a *Policarpo*, lutar contra a constante busca pelo produto externo, contra as influências estrangeiras e valorizar o produto nacional. Nessa época o povo brasileiro importava tudo da Europa para o Brasil, principalmente da França. O piano que era um instrumento (da elite) era valorizado, inclusive as “moças distintas”, as filhas dos oficiais tocavam esse instrumento, enquanto violão era desprestigiado, o instrumento do subúrbio, não era digno dessa classe, apesar de ser *nacional*.²⁶

É preconceito supor-se que todo homem que toca violão é um desclassificado. A modinha é a mais genuína expressão da poesia nacional e o violão é o instrumento que ela pede. (BARRETO, 1998, p-21)

Por ser um instrumento suburbano não podia ser usado por um homem de posição, respeitável. E ainda, como consequência, o *seresteiro* era mal visto pela sociedade da época, uma vez que *Ricardo Coração dos Outros* não era reconhecido por ela.

²⁴ BARRETO, 1998_op. cit. p. 25.

²⁵ MORAIS, 1983_op. cit. p. 53-54.

²⁶ O violão não originado do Brasil, no entanto, após ter sido apropriado pelos brasileiros interior (especialmente o sertanejo) e o homem da periferia, passou a ser considerado como nacional, conforme BARRETO, 1998, p-21.

Narrando com fidelidade os fatos, Lima Barreto mostra que o Brasil possuía a terra e os trabalhadores necessários para cultivá-la, contudo não tinha o apoio e o incentivo necessário, critica e mostra como os impostos, a burocracia de um modo geral impedia que o país fosse grande produtor e ainda, o que era produzido através de muito esforço, não alcançava um valor que o compensasse.

Com o início da revolta armada, *Policarpo* se integrou ao exército de *Floriano Peixoto*, ocupando a posição de major, a qual foi comprada, como era comum na época.

O marechal é descrito com repugnância por *Quaresma*, como uma forma de criticá-lo como governante.

Era vulgar e desoladora. O bigode caído; o lábio inferior pendente e mole a que se agarrava uma grande mosca, os traços flácidos e grosseiros; não havia nem o desenho do queixo ou olhar que fosse próprios, que revelasse algum dote superior. (BARRETO, 1998, p-130)

Essa forma como *Policarpo* descreve o marechal, mostra como Lima Barreto buscava em sua obra expor a sua visão do homem, desmascarar a realidade mostrando a verdadeira face tanto do homem como da sociedade.

Lima Barreto não concordava com a sociedade da época e por isso condenava-a. A sociedade era hipócrita, pois as pessoas dentro da obra sempre visavam os seus próprios interesses e não os sociais. Essa é a diferença entre o patriotismo de *Policarpo* e dos demais personagens, pois o protagonista buscavam os interesses nacionais, enquanto os outros apenas os individuais.

Nada de ambições políticas ou administrativas; o que Quaresma pensou, ou melhor: o que o patriotismo o fez pensar, foi num conhecimento inteiro do Brasil, levando-o a meditações sobre os seus recursos, para depois então apontar os remédios, as medidas progressivas, com pleno conhecimento de causa.²⁷

Como pode-se notar as ambições patrióticas de *Policarpo* sempre estavam voltadas ao país e à sociedade em geral. Tanto que em levantou-se (ingenuamente) contra as barreiras agrárias, lingüísticas, sociais e culturais. Tecendo, dessa forma, uma crítica ao conservadorismo.

²⁷ BARRETO, 1998_op. cit. p. 22.

“— Não me meto nessas coisas, meu amigo. O governo tem sempre razão. Passe bem.” (BARRETO, 1998, p-178)

Lima Barreto acreditava que literatura é uma forma de combater as injustiças, era uma arma de libertação.

Policarpo e o autor foram incompreendidos pela sociedade que pertenciam. Ambos buscaram revelar os problemas que envolviam a sociedade para que houvesse uma conscientização e a resolução dessas questões sociais. Por isso, por causa de suas inovações no processo de construção, foi muito criticado, pois conforme Antonio Candido (1995), ele procurava *mostrar a vida* e não valores superficiais.

Lima Barreto criticava a forma como autores da época escreviam suas obras, pois preocupavam-se apenas com a aparência e não com a realidade. Por isso, que o general *Albernaz* de tudo fazia para casar sua filha, porque era vergonhoso o fato de que uma moça ficasse sozinha. E ainda, o general, apesar de não gostar do namorado da filha, se orgulhava porque era um acadêmico. Este é um fato, onde Lima Barreto mostra a realidade da família, na qual desde pequenas, as mulheres são preparadas para casar-se, era o objetivo principal delas.

Em *Triste Fim de Policarpo Quaresma* “Lima Barreto funde os problemas pessoais com os problemas sociais...,” (CANDIDO, 1995, p-39). Os problemas relacionados ao nacionalismo de *Policarpo* estão interligados às questões sociais e políticas da época, os quais são evidentes no romance.

A obra apresenta um desencontro entre o real (o descaso pelas questões sociais) e o ideal, justamente o contrário do que foi visto no Romantismo.

Policarpo passou por esse desencontro no decorrer da sua dedicação ao Brasil. Durante toda a sua vida procurou se portar como o mais autêntico brasileiro, os seus ideais eram sempre massacrados pela realidade, no entanto, tudo fez sem medir esforços para ver de alguma forma o Brasil enaltecido como costumava vê-lo nos livros que lia, como passou a conhecê-lo desde os seus dezoito anos de idade.

*Na ficção, havia unicamente autores nacionais ou tidos como tais: o Bento Teixeira, da Prosopopéia; o Gregório de Matos, o Santa Rita Durão, o José de Alencar (todo), o Macedo, o Gonçalves (todo), além de muitos outros. Podia-se afirmar que nem um dos autores nacionais ou nacionalizados de oitenta pra lá faltava nas estantes do major.*²⁸

²⁸ BARRETO, 1998_op. cit. p. 21.

Longe de querer menosprezar tudo aquilo que Romantismo representou e representa na Literatura Brasileira, mas pode-se observar que Lima Barreto ao criar o personagem *Policarpo Quaresma* atribui, como forma de crítica, a ingenuidade às influências desse período. Todo o idealismo do protagonista de *Triste Fim de Policarpo Quaresma* seria motivado justamente por uma das características marcantes das obras românticas, em especial as de José de Alencar e Gonçalves Dias destacados na citação acima. O que certamente gerou os devaneios idealizados e fantasiados do personagem, levando-o a ver um Brasil que não existia concretamente.

É interessante ressaltar que mesmo diante de toda uma luta de autores Pré-modernistas contra a infiltração do elemento estrangeiro dentro da nossa literatura, pode-se perceber que homens “nacionalizados” produziam suas obras no país, revelando que ao termo “nacional”, que outrora era visto a partir do estudo das raças, não era encarado na época, apenas aquilo ou aquele que era oriundo do Brasil.

Em torno da definição do que realmente era “nacional” foram formuladas diversas interpretações durante a “história da cultura brasileira, a ponto de um autor como Nelson Werneck Sodré afirmar que só é nacional o que é popular,” (ORTIZ, 1998, p-127). Entretanto, é importante salientar que a esta questão envolveram-se algumas ideologias políticas, carregadas de interesses de certos grupos sociais que determinavam como tal resgate e conservação cultural deveria ser feita. Pois, como afirma Renato Ortiz: “Os fenômenos culturais encerram sempre uma dimensão onde se desenvolvem relações de poder (...)”. Isso torna-se mais evidente a partir dos anos 60, no qual prevaleciam os interesses comerciais sobre as questões culturais, tudo era voltado para o lucro, (ORTIZ, 1991, p-114-115).

Dentre as várias interpretações creio que, como apontado por Renato Ortiz (1998), o “nacional” pode ser definido ou concebido a partir da diversidade. Pois, como já mencionado anteriormente, o Brasil é um país miscigenado, portanto não é possível pensar neste tema sem considerar a pluralidade sociocultural existente. Tal fato pode ser visto desde a época em que o país era interpretado pelas leis raciais. “O mito das três raças é neste sentido exemplar, ele não somente encobre os conflitos sociais como possibilita a todos de se reconhecerem como nacionais.”²⁹

²⁹ ORTIZ, 1998_op. cit. p. 44.

O branco impôs a sua cultura de forma mais abrangente, o índio e o negro adaptaram-se diante dessa imposição, contudo, na constante relação social, tanto foram influenciados sócio culturalmente como também influenciaram.

O Pré-Modernismo e a obra *Triste Fim de Policarpo Quaresma* não viera, com o objetivo de amputar o Brasil culturalmente, mas sim lutar por uma independência literária e por valores sociais.

O Modernismo, por sua vez, surgiu como uma nova etapa no desenvolvimento da nossa literatura, o qual foi prenunciado pelo Pré-Modernismo.

Seus participantes pretendiam subverter os padrões estéticos dominantes; o escândalo destinava-se a chamar a atenção do público para as manifestações. Era uma ruptura com as idéias vigentes, mas uma ruptura sob proteção das representações mais consagradas do regime, as mais austeras, as mais consagradas. A burguesia brasileira, sempre conciliadora com o latifúndio, impulsionava a subversão nas artes e a patrocinava.³⁰

Este movimento literário traçou novos rumos para a literatura, dando-lhe um outra visão que ia além daquela estereotipada. Entretanto, essa ruptura não foi total, assim como também o período não abandonou tudo aquilo que já existia no Brasil em termos de literatura.

Enfim, a questão da identidade nacional, discutida por diversos pensadores e concebida de diferentes maneiras, não pode ser vista a partir de um ponto estático na história brasileira. Identidade nacional é uma representação simbólica que engloba todos os fatores presentes na constituição de um povo. Portanto, nos distinguimos dos outros países por diversos fatores que são inerentes à nossa constituição no decorrer da história, bem como pela multiplicidade de manifestações socioculturais que são resultantes da pluralidade social da população brasileira. Lima Barreto e os demais autores Pré-modernistas e Modernistas lutaram com o objetivo de tirar o país da condição de alienação cultural, lutara por uma independência literária. Tais esforços contribuíram para delinear e enriquecer muito mais a nossa literatura. Identidade nacional não é algo pronto e estagnado, mas que vai sendo moldada a partir de todo um processo sócio-interativo no decorrer história do Brasil.

³⁰ SODRÉ, 1995_op. cit. p. 525.

ENFIM, POLICARPO QUARESMA

Esta pesquisa na literatura sempre me interessou, porque pude conhecer de forma mais profunda, ao longo da minha graduação, as Literaturas Latina, Portuguesa, Brasileira e Norte-Americana, o que me fez perceber o seu caráter sempre atual e voltado para as questões sociais, as quais lhe davam sustentação e a condicionavam, (SODRÉ, 1995).

Entretanto, o tema identidade nacional, em especial, sempre me atraiu, pois queria pesquisar sobre a formação da literatura, em seu marco inicial, pois havia visto em disciplinas como na Literatura Norte-Americana que os autores, no início da formação literária do país, buscavam produzir obras que realmente fossem novas, que não tivessem nenhum vínculo com a Literatura Inglesa.

Conhecer como foi tratada a questão da identidade nacional foi extremamente importante, pois pude perceber através de vários autores, bem como através de diversas teorias e ideologias que estavam relacionadas ao tema e fizeram parte da formação sócio-histórica e cultural do país, que todos, como maior ou menor proporção influenciaram na caracterização dessa identidade. Assim, a identidade nacional só pode ser concebida a partir da interação de todos os fatores que constituíram a Literatura Brasileira e delinearam a sua identidade, a qual não é estática no tempo, mas resultante da história do país em todos os seus aspectos.

Portanto, creio que tal análise foi bastante produtiva, uma vez que perpassa boa parte da história da nossa Literatura e dá uma certa ênfase em períodos que foram muito importantes em formação literária: o Romantismo e o Pré-Modernismo. Ambos, preocupados em implantar e/ou conservar as características nacionais consideradas autênticas, cada um com a sua visão ideológica e forma diferente de tratar o assunto, mas ambos contribuíram de forma singular na formação da nossa Literatura.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABDALA, Benjamim Júnior & CAMPADELLI, Samira Yousset. Tempos da Literatura Brasileira. São Paulo: Ática, 1990
- BARRETO, Lima. Triste Fim de Policarpo Quaresma. 5 ed. São Paulo: Ática, 1998
- CANDIDO, Antonio. Literatura e Sociedade / Estudos de teoria e história literária. Cia. São Paulo: Nacional, 1996
- MORAIS, Regis. Lima Barreto/(Coleção Encanto Radical). São Paulo: Brasiliense, 1983
- ORTIZ, Renato. Cultura Brasileira & Identidade Nacional. 5 ed. São Paulo: Cultrix, 1994
- PINO, Angel. O conceito de mediação semiótica em Vigotsky e seu papel na explicação do psiquismo humano. In.: Caderno SEDES, 24 pp. 32-43. Campinas- SP: Papyrus
- SODRÉ, Nelson Werneck. História da Literatura Brasileira. 9 ed. São Paulo: Bertrand Brasil, 1995.